

ANO LXC - Nº 36 - RIO DE JANEIRO - JAN 2015 / JUN 2015

AKSHORÉA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇÔNICOS

Órgão Oficial do Supremo Conselho do Grau 33
do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil



Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

Administração

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º
Lugar Tenente Comendador

Francisco Antônio Gonçalves Dias, 33º
Grande Ministro de Estado

Adélman de Jesus França Pinheiro, 33º
Grande Secretário do S.:I.:

Carlos Antonio de Almeida Deveza, 33º
Grande Secretário do Interior do S.:I.:

Maurício Soares, 33º
Grande Tesoureiro do S.:I.:

José Alves de Alencar, 33º
Grande Chanceler Guarda do Selo

SGCs de Honra

Venâncio Igrejas, 33º †
Brasil

Geraldo de Souza, 33º †
Brasil

Ballo Geay Yacouba, 33º
Costa do Marfim

Jean Sicinsky, 33º
Polônia

Carlos Reyes Geenzier, 33º
Panamá

Henri L. Baranger, 33º
França

José Carlos D. Silva Nogueira, 33º
Portugal

Agostinho Fernandes Garcia, 33º
Portugal

Membros Efetivos

Luiz Fernando Rodrigues Torres (04/03/1975)

Licínio Leal Barbosa (14/08/1980)

Adélman de Jesus França Pinheiro (12/03/1988)

Francisco Antônio Gonçalves Dias (12/03/1988)

Jorge Luiz de Andrade Lins (24/09/1991)

Atyla Quintaes Freitas Lima (22/09/1998)

José Linhares de Vasconcelos Filho (21/09/1999)

José Alves de Alencar (10/03/2001)

Carlos Roberto Roque (21/06/2001)

Carlos Antonio de Almeida Deveza (12/08/2002)

Francisco “Bonato” Pereira da Silva (24/09/2002)

Rubens Marques dos Santos (15/11/2003)

Wilson Filomeno (11/09/2004)

Nelson Gonçalves Correlo (11/09/2004)

José Francisco Ribeiro Lopes (30/9/2006)

João Antonio Aidar Coelho (26/07/2008)

Maurício Soares, 33º (18/09/2008)

Rui Silvio Stragliotto, 33º (20/06/2009)

Irineu Ramazzotti, 33º (04/09/2012)

Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º (13/11/2012)

Manif Antônio Torres Julio, 33º (23/09/2014)

Antônio Luiz Corrêa, 33º (23/09/2014)

Anderson Pinto Verçosa Simões, 33º (23/09/2014)

Mantenha atualizado seu endereço junto ao SC 33



Revista Astréa

Órgão Oficial do Supremo Conselho
Grau 33º do Rito Escocês Antigo
e Aceito da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil

Fundada em 1º de janeiro de 1927,
pelo Ir.: Mario Behring, 33º

Registro 009-R na Associação
Brasileira da Imprensa Maçônica

Diretor Presidente

Ir.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Jornalista Responsável

Ir.: João Guilherme C. Ribeiro, 18º
OJB 242

Redator

Ir.: Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º

Editor Fotográfico

Ir.: Ricardo Sodré Lira Brandão, 32º

Criação e Produção

Infinity Editorial e Promocional
Rua Bispo Lacerda, 22 - Del Castilho
21051-120 - Rio de Janeiro RJ

Tiragem desta Edição:
22.000 exemplares

Correspondência

Revista Astréa

Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá
21321-624 - Rio de Janeiro, RJ
Brasil

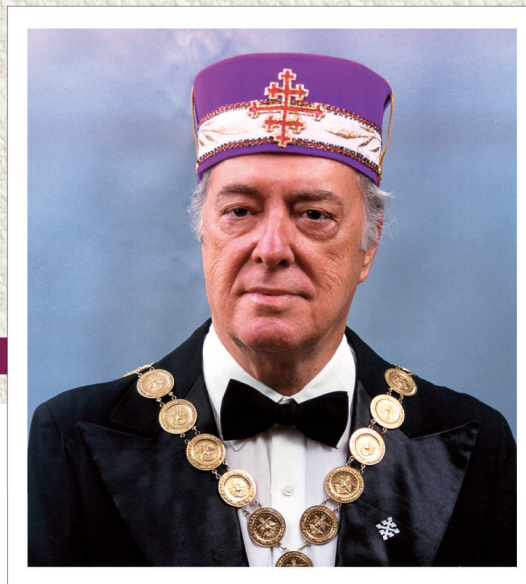
Telefone: (21) 3369-8000

www.sc33.org.br
secretaria@sc33.org.br

Os artigos publicados nesta
revista são de inteira
responsabilidade de seus autores.

O Meio Ambiente

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador



Meus Valorosos Irmãos

Vivemos em um Planeta que tem limitações para suportar maus tratos. E a humanidade vive a agredi-lo de todas as formas, sem medir as fatais consequências.

A reação da natureza já se manifesta, através das mudanças climáticas, visíveis em toda a parte.

As estações se alteram visivelmente. Aumento da temperatura, frio excessivo onde havia amenidades, esgotamento das fontes hídricas, tsunamis, tufões, tormentos, furacões. Enfim, completa desorganização climática.

Sua Santidade, o Papa Francisco, vem de lançar a encíclica "LAUDATO SI" (Louvado Seja), alarmado pela inconsequência humana e de nossos governantes.

Recentemente diversos dirigentes das nações mais desenvolvidas, "concordaram" em reduzir a poluição causada pelas indústrias e outras fontes produtivas. Porém a longo prazo, ou seja até o fim do século. Isto ocorrerá em dezembro, na Conferência do clima em Paris. E até então, como reagirá a natureza?

A motivação de tudo está na ânsia do enriquecimento, com pouco custo.

Afirma Sua Santidade que "os países ricos do ocidente, cujo enriquecimento **afetou a saúde do planeta**, têm uma dívida ecológica, com as demais populações pobres e as gerações futuras (os grifos apusemos).

E nos países asiáticos, onde vemos, na mídia televisiva, os seus habitantes circulando com máscaras, a fim de se defenderem da espessa poluição, o motivo, também, não têm a mesma do ocidente?

Em nosso próprio país, não somos vítimas da poluição causada pelas emissões de CO2.

E nossos rios, fontes de água que consumimos, indispensável à nossa sobrevivência, correm poluídos por excrementos e lixo lançados pelos seus ribeirinhos e nossas autoridades o que têm feito para, pelo menos, diminuir esse descalabro?

As florestas, a cobertura vegetal, indispensáveis à sustentabilidade climática, são destruídas pela ação deletéria da ânsia do lucro.

Hoje, dia 22/06, no periódico "O Globo", lemos, sob o título "Planeta vive período de extinção de rapidez inédita". Conclui a nota: "... os seres humanos poderiam estar entre as primeiras vítimas". É estarrecedor.

O que podemos fazer?

Bem, podemos agir contra esta loucura pressionando os governos federal, estaduais e municipais a tomarem medidas eficazes e imediatas, a fim de, senão pôr cobro, pelo menos amenizar esta possível hecatombe, que nos ameaça e aos nossos descendentes.

A Maçonaria, que tem o escopo principal de lutar pela felicidade de toda a humanidade, pode, e deve, contribuir para a consecução desse desiderato, seja através de ações próprias ou de campanhas e esclarecimento de todas as populações de nosso mal administrado Brasil.

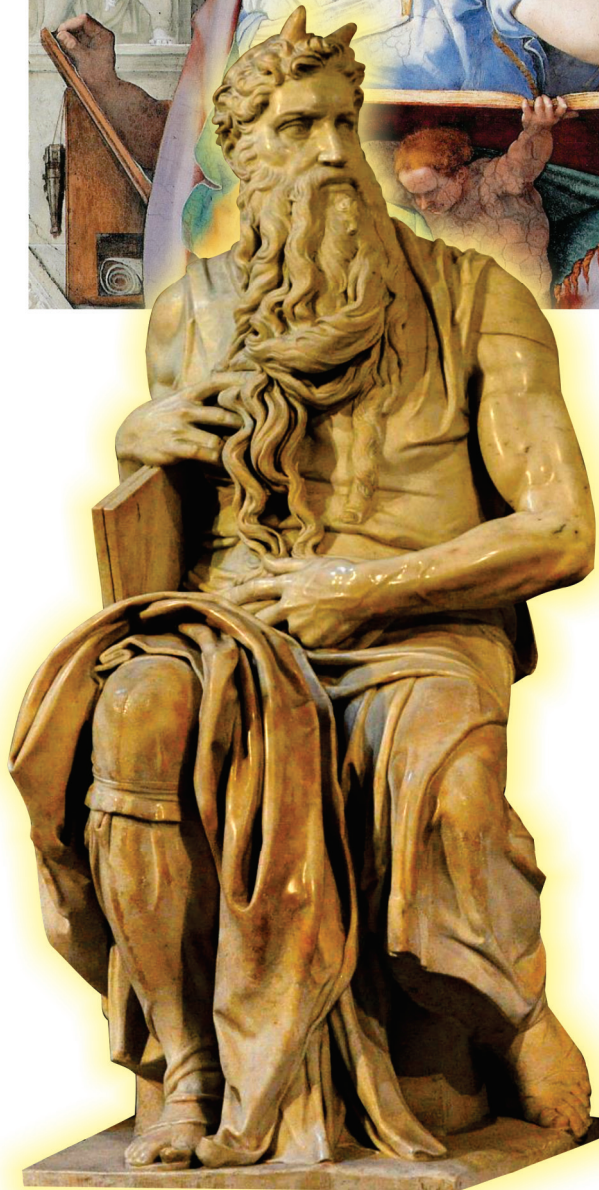
É o que busco fazer, com esta mensagem.

O Grande Arquiteto do Universo proverá.





CABALA



Ir.: **André Muniz Marinho da Rocha**, 14º
Loj.: Perf.: “Amor ao Próximo”, S. José dos Campos, SP

Dentro do estudo da Cabala, o misticismo judaico fornece os fundamentos do moderno ocultismo Ocidental, e constitui o fundo teórico com base no qual se desenvolveram os rituais ocultistas Ocidentais. O Cabalista moderno é o herdeiro da Cabala antiga, mas cabe-lhe reinterpretar a doutrina e reformular o método à luz da revelação atual, caso queira extrair dessa herança algum valor prático para si.

Etimologia

Palavra que deriva da raiz hebraica kibel, que significa receber, já que os ensinamentos eram recebidos oralmente.

A palavra Cabala tem dois sentidos, conforme se escreve, segundo os judeus, iniciada por **Q** ou com **C**.

Iniciada por **Q**, **Qabala**, o nome significa transmissão, tradição, o que permanece. Acredita-se que os judeus transmitiam fielmente o que recebiam dos sábios caldeus, através de seus escritos e da refundição dos livros anteriores,

efetuados por **Esdras**, guiado pelo grande mestre da universidade dos magos da Caldéia, **Daniel**.

Quando iniciada pela letra **C**, **Cabala**, significa o poder das 22 letras hebraicas. Assim, a palavra Cabala significa o alfabeto das vinte e duas potências, ou a potência das vinte e duas letras desse alfabeto. Esse gênero de alfabeto tem um protótipo ariano ou jafético. Pode ser designado, com justiça, sob o nome de alfabeto da Palavra ou da Glória.

História

Conforme **Saint-Yves D'Alveydre**, entre os judeus a Cabala derivou dos caldeus trazida por **Daniel** e por **Esdras**. Já entre os israelitas anteriores à dispersão das dez tribos não-judaicas, a Cabala veio dos egípcios, trazidas por **Moisés**.

Entre os caldeus, como entre os egípcios, a Cabala fazia parte de tudo aquilo que as universidades metropolitanas chamavam de Sabedoria, a síntese das ciências e das artes reconduzidas a seu princípio comum, em que esse Princípio era a Palavra ou o Verbo.



Contam que Michelangelo Buonarroti (1475-1564), ao terminar sua famosa estátua de Moisés, hoje na basílica de San Pietro in Vincoli, Roma, teria exclamado: Por que não falas? Os profetas Daniel e Esdras foram retratados por ele em afrescos na Capela Sistina.



A Cabala judaica é motivada por toda a constituição anterior do espírito humano, mas que precisa ser arqueometrada, medida por seu Princípio Regulador e controlada segundo esse instrumento de precisão do Verbo e da Síntese Primordial.

Tradição Hebraica e Classificação

Dentro do estudo da Cabala, a *Torá* corresponde à Lei Escrita e simboliza o corpo físico da tradição. Também é chamado com o nome de *Pentateuco*, composto pelos cinco primeiros Livros da Bíblia denominados como os Livros dos Profetas. Estes são: *Gênesis*, *Êxodo*, *Levíticos*, *Números* e *Deuteronômio*. A *Torá* foi transmitida de mestre a discípulo, sucessivamente, por aproximadamente 1500 anos, desde *Moisés* até a escrita da *Mishná* (codificação da lei oral) e da *Guemará* (explicação e discussões a respeito da *Mishná*), ambas formando o *Talmude* (reunião das frações legislativas, *Guemará* e *Mishná*), a 1800 anos. Desta forma, o *Talmude* corresponde à Lei Oral que simboliza a

Alma da Tradição. Assim, o *Talmude* compreende as interpretações da *Torá* feitas pelos rabinos e que começou a ser escrito a partir do Concílio de Jamnia, nos anos 80 a 90 d.C. e terminou no ano 600 d.C.

Dentro da tradição judaica, em ocasiões especiais, há o erguimento do rolo da *Torá* para que a Congregação veja o texto manuscrito, quando é dito de pé pelo Sefaradim:

"Sagrada e pura é a nossa Torá. Moisés é o homem da verdade e a Torá que nos legou é verdadeira. E esta a Lei que Moisés pôs diante dos filhos de Israel, de acordo com o Eterno, por intermédio de Moisés. A Torá (Lei) que nos ordenou Moisés, herança é para a congregação de Jacob. É árvore da vida para os que nela se apegam, e os que nela se apoiam são bem-aventurados. Os seus caminhos são caminhos agradáveis e todas as suas veredas são de paz. Ela proporciona longevidade por sua destra, e sua esquerda oferece felicidade e honra. Foi do agrado do Eterno, por amor à Sua própria justiça, dar magnificência à Sua Torá e torná-la poderosa."

A doutrina secreta da Cabala compreendia duas divisões, uma teórica e outra prática, escalonadas em três Graus. Havia um Grau histórico, um Grau social e um Grau Místico. Assim, o conjunto dos conhecimentos nessas duas divisões constitui a Cabala propriamente dita. Apenas a parte teórica da Cabala foi escrita ou impressa e compreende dois estudos:



Dentro do estudo da Cabala, a *Torá* corresponde à Lei Escrita e simboliza o corpo físico da tradição.



O Zohar, o Livro do Esplendor, é a espinha dorsal da Cabala.



O da criação e de suas leis secretas resumidas no *Sepher Yetsirah* (Livro da Criação) corresponde à Lei Oral Secreta, que é atribuído a Abraão, escrito pelo rabi Akiba.

O da essência divina e de seus modos de manifestação, portanto mais metafísico, chamado de Carro Celeste (*Mercavah*), resumido no *Zohar* (Livro do Esplendor), atribuído ao rabi **Simon Ben Jochai**, escrito pelo rabi **Moisés de Leon**.

Para efeito de estudo, a Cabala se divide em quatro tipos:

Prática, que trata da ritualística, dos talismãs, das magias e cerimoniais, que objetivam a essência divina do homem. Está apenas indicada em alguns manuscritos, atribuídos a Salomão e traduzidos do hebraico para o latim, esses manuscritos contêm, por um lado a representação, sob o nome de talismã, das lâminas do Tarô, ou clavículas; e por outro, a expli-



Valor numérico	20	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1
Caractere	כ	י	ט	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א
Pronúncia	Chaf	Yod	Teit	Cheit	Zayin	Vav	Hei	Dalet	Gímel	Beit	Aleph
Valor fonético	K	Y	T	Ch	Z	V/O/U	H	D	G	B/V	(muda)
Valor numérico	400	300	200	100	90	80	70	60	50	40	30
Caractere	ת	ש	ר	ק	צ	פ	ע	ס	נ	מ	ל
Pronúncia	Taf	Shin	Resh	Kuf	Tsadee	Pay	Ayin	Samekh	Nun	Mem	Lamed
Valor fonético	T	SH/S	R	Q	Ts	P/F	(muda)	S	N	M	L

As letras do alfabeto hebraico também representavam números, base do estudo da Guematria.



cação e a maneira de usar essas "clavículas". São conhecidas sob o nome de clavículas de **Salomão** ou Semamphoras;

Dogmática, representada em toda literatura Cabalística;

Literal, que se ocupa das palavras, letras e dos seus valores numéricos. É do conhecimento que as letras e as palavras hebraicas são interpretadas por um número, um significado e um signo. Desta forma, a Cabala literal tem três grandes subdivisões:

- A **Guematria**, que se ocupa com o valor numérico das palavras utilizando as 22 letras do alfabeto hebraico. A numerologia hebraica é um apêndice religioso, que colhe as verdades dos livros sagrados e deles retira palavra por palavra, letra por letra. No estudo da língua hebraica um dos métodos utilizados é o da **Guematria**, que nos revela o valor numérico das palavras, em seus processos de somatória e correspondências. Assim, a comunicação da informação que é oferecida pela **Guematria** é de uma conotação mais distante da origem oculta, porém em um nível espiritual mais elevado do que

o faz a palavra, gerando uma vinculação entre o abstrato e o concreto;

- A **Temurah**, que consiste na combinação das letras de uma palavra com outras, que alteram o seu valor e significado. Consiste em separar as letras de uma palavra para formar anagramas mediante a alteração da ordem das palavras ou das letras dentro da mesma palavra. Baseia-se na crença de que os nomes sagrados ocultam fórmulas herméticas que revelam seu verdadeiro sentido. Fundamenta-se em regras muito precisas, geralmente expostas em formas de tábuas, sendo as mais famosas as de **Átbas** e as de **Tzi-ruf**; e

- O **Notarikon**, que se ocupa com a arte dos signos. Consiste em juntar as letras iniciais ou finais das palavras de uma frase, para formar com elas outra frase do mesmo valor que nos revelará o sentido oculto da primeira. Ou, ainda, com as letras iniciais ou finais das palavras que compõe a frase, forma-se uma palavra reveladora.

Tradicional ou não escrita, que é transmitida de boca a ouvido e ensina a simbologia encerrada na **Árvore da Vida** ou **Árvore Sephirótica**.

A **Árvore da Vida** é um hieróglifo, símbolo que representa o cosmos e a alma. Marca a evolução do homem, sua ascensão para alcançar atributos divinos e conhecer a verdade.

Assim, no estudo da Cabala dentro da **Árvore da Vida**, consideram-se os 10 **Sephirot** também como Caminhos. Portanto, tem-se 22 Caminhos ao somarem-se as Esferas às linhas que as conectam entre si, onde existem em número de 22. Cada um dos 22 Caminhos corresponde as 22 letras do alfabeto hebraico e aos 22 **Arcanos Maiores do Tarot** egípcio.

Cabala

Podemos definir a Cabala como um sistema metafísico, mediante o qual o Iniciado pode conhecer o Universo e a Deus. Assim, a Cabala eleva-o mais além da sabedoria comum e o permite compreender o profundo sentido e o plano da Criação. É um sistema vivente de desenvolvimento espiritual, uma ciência secreta.

Dentro do estudo da Cabala tem-se a forma mais antiga do judaísmo místico conhecida, na qual o Iniciado, por meditação e fórmulas mágicas, promove o êxtase, onde pratica viagens através e além das sete esferas astrais.



4



Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) filósofo neoplatônico e humanista do Renascimento italiano.



Retrato de Pico della Mirandola, Galeria Uffizi de Florença

A Árvore da Vida



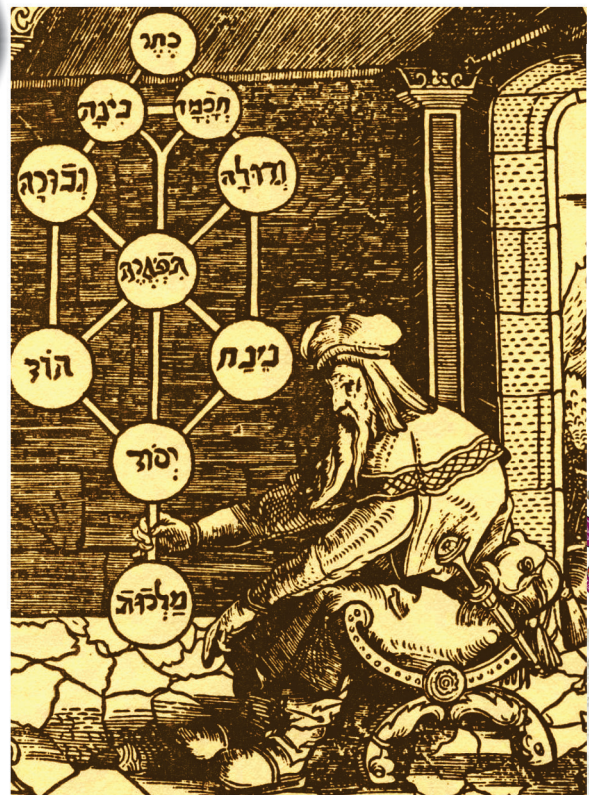
Renascença

O renomado filósofo italiano renascentista e místico Rosa-Cruz **Giovanni Pico della Mirandola** (1463-1494), no século XV, foi um dos primeiros sábios a afirmar que o termo Cabala significa tradição. Assim, para este filósofo, a verdadeira Cabala foi revelada pelo Altíssimo a **Moisés** e transmitida de **Moisés** a outros sábios por meio de sucessão e, portanto, ela é devidamente chamada de “tradição”.

A Cabala, porém, não é uma disciplina, mas definida como um segundo caminho de revelação divina. Desta forma, além da lei escrita revelada a **Moisés** no Monte Sinai, o Eterno também lhe concedeu a verdadeira interpretação da lei, incluindo todos os mistérios e segredos, que estão escondidos sob a casca, sub cortice, e a face nua das palavras hebraicas.

Portanto, nenhum nome com algum significado, até onde esses nomes são singulares e tomados em si mesmos, poderá ter algum poder quando pronunciados a menos que sejam nomes hebraicos ou transliterados para o hebraico.

Destarte, quando se busca os precedentes históricos da Maçonaria



A Árvore da Vida, símbolo que representa o cosmos e a alma. Marca a evolução do homem, sua ascensão para alcançar atributos divinos e conhecer a verdade.



Especulativa, toda ela montada sobre sólida plataforma da tradição hebraica, especificamente sobre os Testamentos Bíblicos, compreende-se então o Real significado das Palavras transmitidas durante as Sessões.

Introdução Maçônica

A Maçonaria nasceu para facilitar a liberdade do espírito humano. Assim, exige de seus membros ciência e prudência. Muito estreitas são as analogias entre as doutrinas da Cabala e as dos primeiros Graus da Maçonaria, que se tem atribuído à responsabilidade de seu estudo quando da introdução na Maçonaria especulativa, na Ordem moderna. Assim, o estudo da Cabala esmera-se em dar a definição da divindade, em fixar-lhe os atributos e em estabelecer o processo das manifestações de seu poder, como descrito na invocação cabalística do rabi Salomão, filho de Babirol:

“Vós sois um, começo de todos os números e o fundamento de todos os edifícios; Vós sois um e no segredo da vossa unidade, os homens mais sábios se perdem porque não a conhecem. Vós sois um, e vossa unidade nunca diminui, nunca aumenta, nem sofre alteração alguma. Vós sois um, não como um em cálculo, porque a vossa unidade não admite multiplicação, nem mudança, nem forma. Vós sois um, ao qual nenhuma das minhas ideias pode fixar um limite e dar definição; é por isso que vigiarei a minha conduta, preservando-me de pecar pela minha língua. Vós sois um, enfim, cuja excelência é tão elevada, que de modo algum pode cair, e não como este um que pode cessar de existir. [...]”

Vós sois sábio e, como um operário arquiteto, reservaste da Vossa ciência uma Divina vontade, para em um tempo determinado atrair do nada o ser da mesma forma que a luz que sai dos olhos é atraída pelo seu próprio centro, sem nenhum instrumento ou objeto. Esta Divina vontade cavou, traçou, purificou e fundiu; Ela ordenou ao nada que se abrisse, ao

ser que se aprofundasse e ao mundo que se entendesse. Ele mediu os céus a palmos: com o Seu poder reuniu o pavilhão das esferas, com os cordões do Seu poder fechou as cortinas das criaturas do Universo, e tocando com Sua força, as extremidades da cortina da criação, reuniu a parte superior à inferior.”

Depreende-se, dentro do estudo maçônico, que todas as religiões dogmáticas saíram da Cabala e para ela voltam. Tudo quanto existe de científico e de grandioso nas revelações religiosas de todos

os iluminados, tem como fonte a Cabala. Assim, toda doutrina Cabalística é tida como dogma de alta magia, velada sob sua simbologia, e indicada por todos os hieróglifos sagrados dos antigos santuários e símbolos Maçônicos.

Dentro deste contexto é interessante notar a similaridade com a passagem do Bhagavad Gîtâ em um dos conselhos de **Krishna** para **Arjuna**:

“Como de um tanque, em que de todos os lados afluí água, pode-se tirar o fluido cristalino para encher-se com ele muitos vasos de diferentes formas e dimensões, assim as doutrinas dos livros sagrados fornecem à mente do estudante sério, tudo aquilo que ele precisa para chegar ao conhecimento das coisas Divinas, conforme o grau e o caráter de seu desenvolvimento.”



O rabi Solomon ibn Gabirol (1021-58), era fluente em latim, grego, árabe, hebraico e muitos dialetos da Espanha medieval. Foi um dos primeiros filósofos a divulgar o Neoplatonismo na Europa.



Emblemas heráldicos do Rito Escocês Antigo e Aceito



Texto e ilustrações de

Ir. João Guilherme C. Ribeiro, 18º

(Continuação)

Permita que lembre a você o que eu disse antes sobre como a prática de reimprimir rituais a partir de impressões anteriores diminui drasticamente a qualidade. Nenhum painel deu mais trabalho do que o do Grau de Cavaleiro do Oriente. E, aqui, permitam-me dizer da importância de conhecer a liturgia de outros Ritos, porque, ao nos limitarmos aos limi-

tes de um só Rito, ficamos à mercê de interpolações e verdadeiros absurdos encaixados nos rituais. Na falta dessa visão holística, do conhecimento das lendas em que se basearam os Graus, acabamos por acatar essas distorções, como corretas e parte da herança do Rito. Não, absolutamente não são! Até que chegássemos à conclusão do que representava aquele borrão no centro do brasão, foi necessá-

rio pesquisar. A salvação veio dos conhecimentos dos Iir.: **Lyrio Bravin** e **Jorge Luiz de Andrade Lins**. Mais tarde, ao receber a **Ordem da Cruz Vermelha**, primeira das Ordens de Cavalaria do Rito de York, baseada na mesma lenda, pude avaliar a necessidade desse conhecimento diversificado. Mas vamos adiante!

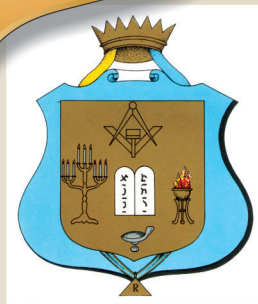
Grau 19

Grande Pontífice ou Sublime Escocês

O título *Pontífice*, lembra **Jim Tresner**, não se refere ao Papa, mas sim ao significado original da palavra latina *pontifex*, *construtor de pontes*, papel que o Maçom consciente deve desempenhar na sociedade. O escudo é branco e

orlado de vermelho. Na parte superior, está a uma cidade murada e suspensa sobre Nuvens, a Jerusalém Celestial. Ao centro de seu pátio interno, há uma Árvore frondosa com 12 Frutos, que correspondem às doze tribos de Israel. **José Castellani** nos relembra sua descrição em Apocalipse, 21, 10 e 11. Sob ela, a Serpente de Três Cabeças, em verde, algumas vezes representada acorrentada, é para lembrar que, se construímos devagar e laboriosamente, por outro lado destruímos com rapidez. **Charles T. McClenechan** assim transcreve a exortação no ritual de 1884: “*Não desanimeis, Irmãos, nem desistais de fazer o bem, não vos sintais desencorajados pela apatia dos homens nem decepcionados por sua insensatez nem desgostosos de sua indiferença. Não vos preocupeis com recompensas ou resultados; concentraí-vos apenas no que tiverdes de fazer, entregando o resto a Deus. [...] Sede pacientes e trabalhai.*”



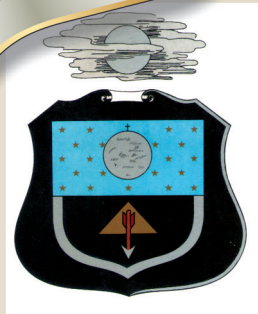


Grau 20

Soberano Príncipe da Maçonaria ou Mestre ad Vitam

O escudo é dourado. Ao centro, estão as Tábuas da Lei, ladeada por um Candelabro de Nove Braços, aceso, à esquerda, e uma Pira, igualmente acesa, à direita. Sob as Tábuas está uma Lamparina de Óleo, de barro, substituída no painel italiano por um incensório. No topo, na posição de Mestre, está o conjunto de Compasso e o Esquadro, em prata e na posição de Mestre, sobre o qual se assenta um Malhete de madeira, na posição vertical. As velas nos nove braços do castiçal, segundo **Pike**, nos remetem aos deveres do Maçom: veneração à divindade, caridade, generosidade, hero-

ísmo, honra, patriotismo, justiça, tolerância e verdade. O Grau nos remete à Loja Simbólica. Primeiro, por suas cores predominantes: *yellow jacket & blue breeches*, isto é, jaqueta amarela e calças azuis, a descrição do compasso, feito de latão e pontas de aço. Segundo, por sua denominação americana, *Grand Master of All Symbollic Lodges*, e pela italiana, *Gran Maestro della Chiave della Massoneria*. E terceiro, porque este Grau, o 21º do Rito de Perfeição, era conhecido como *O Grau de Washington*.



Grau 21

Noaquita ou Cavaleiro Prussiano

O lema do Grau – *Fiat Justitia ruat Coelum* – Que a justiça seja feita, ainda que o céu desmorone, explica a concepção do seu brasão. A introdução do ritual americano de 1884 é veemente: “*Quem quer que tenha sido vitimado pelos grandes ou oprimido pelos poderosos; os que tenham sido injustamente acusados ou suas famílias ultrajadas; os que caíram nas mãos de juizes corruptos; os que sofreram chantagem ou extorsão, deixai que se adiantem e livremente apresentem suas queixas e a justiça lhe será feita pelo Grande Capítulo de Cavaleiros Prussianos, de cujo veredito não há apelo.*” Por isto, o campo superior azul, com as Lua prateada

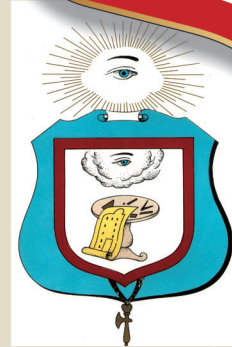
e as Estrelas douradas, representa a noite, quando se reuniam os Juizes do Tribunal da *Santa Vehme*, na Prússia. O campo inferior é negro, orlado de prata, tendo ao centro um Triângulo vazado, em cujo vértice superior pousa uma seta dourada, apontada para baixo e manchada de vermelho, emblema da Justiça inexorável dos cavaleiros, também ditos *Noaquitas* em referência a Noé, considerado por Deus um homem justo. Seu registro mais antigo data de 1762.

Grau 22

Cavaleiro do Real Machado ou Príncipe do Líbano



Este Grau exalta o trabalho consagrado à realização da Grande Obra. Refere-se ao corte dos cedros do Líbano, de onde veio a madeira para a construção do Templo. O escudo é branco, orlado de vermelho. Ao alto, entre nuvens, aparece o *Olho-que-Tudo-Vê*, significando a bênção e a proteção do Supremo Arquitecto do Universo àqueles que trabalham, seja qual for sua vocação e ofício. A Mesa de cedro é redonda para significar a igualdade do mérito dos que trabalham em todas as ocupações. Sobre ela, estão a Planta do Templo e os instrumentos de trabalho: um Compasso, um Esquadro, um Transferidor, uma Régua e Pergaminhos diversos, um enrolado e dois abertos. O citado ritual de 1884 explica a intenção do Grau: “o objetivo do Grau de Cavaleiro do Real Machado é ensinar aos homens que o trabalho é honrado e que deveríamos nos esforçar para melhorar as condições daqueles que labutam. Somos todos trabalhadores em nossos diversos ofícios.”



Grau 23

Chefe do Tabernáculo



Para **Jim Tresner**, neste Grau “o candidato representa um jovem Levita que se apresenta para a iniciação nos mistérios hebraicos”, e, para **Castellani**, “remonta à época do Tabernáculo armado no deserto, durante o êxodo, e recorda a instituição do sacerdócio, na pessoa de Aarão, irmão de Moisés, e chefe da tribo levita”. O escudo é branco, orlado de vermelho. Ao centro, o Livro da Lei e o Punhal de prata para os sacrifícios repousam sobre um Altar de Madeira. À esquerda do Altar está o Sol em ouro e, à direita, a Lua em prata. Abaixo, está um Crânio na sua cor e por sobre todas as peças está um Triângulo de ouro com o Tetragrama Sagrado em relevo, irradiando raios luminosos, uma vez mais remetendo-nos ao Tabernáculo. Segundo **Giordano Gambellini**, era o segundo Grau do sistema Escocês Trinitário, conhecido em Lion, França, em 1761.





Grau 24

Príncipe do Tabernáculo

Este Grau, o segundo do sistema Escocês Trinitário, tem escudo branco, orlado de vermelho. Em cima, ladeado à esquerda pelo Sol dourado e, à direita, pela Lua em prata, estão o Compasso e o Esquadro, na posição de Mestre, tendo inscrita, no centro, uma Estrela de Cinco Pontas em ouro. Continuando o tema do Grau anterior, aqui a relação com a construção do Templo é mais explícita, como demonstra o conjunto formado, ao fundo, por um Candela-bro de Sete Braços (*Menorah*) aceso, em ouro, sob um Nível Egípcio de prata, do qual se projetam, 45° à esquerda, uma Trolha de prata e, 45° à direita, um Malho. Um pouco acima, à esquerda, está um Prumo de Prata e, à esquerda, uma Placa de prata com a Chave do alfabeto maçônico.



Grau 25

Cavaleiro da Serpente de Bronze

A lenda do Grau baseia-se em um episódio bíblico descrito em *Números 21: 4-9*. O escudo é branco. Abaixo, à esquerda, está o Monte Horeb, onde Moisés teve a revelação de Deus, presente na sarça ardente. À direita, uma Corrente em ouro, com grilhões abertos, representa a penitência do povo judeu, que se rebelara por vagar pelo deserto por tantos anos. A Serpente de bronze, enroscada em um Tau de madeira, simboliza a cura pela graça espiritual. Refere-se àquela que fez Moisés, por ordem do Todo Poderoso, como antidoto à picada das serpentes que ele lançara sobre os revoltosos. Como conta Pike, "o Príncipe do Tabernáculo dirigiu-se ao meio do acampamento, en-

tre as cobras venenosas, levando a Serpente e a Cruz de Bronze, símbolos da vida imperecível. E todo aquele que mirou a serpente, admitindo seu pecado e curvando-se ao Altíssimo, foi curado e viveu".



Grau 26

Príncipe da Mercê ou Escocês Trinitário



O Grau refere-se à Tríplice aliança com Deus com os homens. Para os judeus, a primeira foi com Noé, a segunda com **Abrahão** e a terceira com **Moisés**. Para os cristãos, a primeira aliança foi com **Abrahão**, a segunda, com Moisés e a terceira com todos os homens, pela morte e paixão de Seu Filho **Jesus Cristo**. As cores do escudo refletem essa "Trindade" maçônica: o verde do campo superior é a cor da sabedoria infinita; o vermelho, da suprema energia, força e poder; e o branco, que resulta da mistura de todas as cores, da harmonia divina. O Espelho emoldurado em ouro simboliza a Verdade, o "conhece-te a ti mesmo" que o Oráculo de Delfos exigia dos antigos gregos. Sobre o campo vermelho, está um Triângulo equilátero em ouro, com o Tetragrama Sagrado em relevo.



Grau 27

Grande Comendador do Templo



Este é o primeiro dos Graus do Rito Escocês inspirado na Cavalaria medieval. Como cita **Castellani**, "é aquele que representa, de maneira mais nítida, o discurso de **Ramsay**", de onde vem a ligação da maçonaria operativa com as Ordens de monges guerreiros, no caso deste Grau com uma iniciação nos Cavaleiros Teutônicos. O escudo é branco, orlado de vermelho. Ao centro, está a Cruz Patriarcal em vermelho. Foi usada pelo duque de Lorena, **Godofredo de Boullion**, em seu estandarte na captura de Jerusalém, daí ser também conhecida como Cruz de Lorena. Curiosamente, o Grau tem nome semelhante em castelhano e em italiano, porém porém um título mais adequado a seu contexto histórico em inglês e em francês, respectivamente *Knight Commander of the Temple* (Cavaleiro Comandante do Templo) e *Grand Commandeur du Temple* (Grande Comandante do Templo). (continua)





O papel do general Valentim Benício da Silva na sobrevivência do Grande Oriente do Brasil durante o Estado Novo (1937-41)

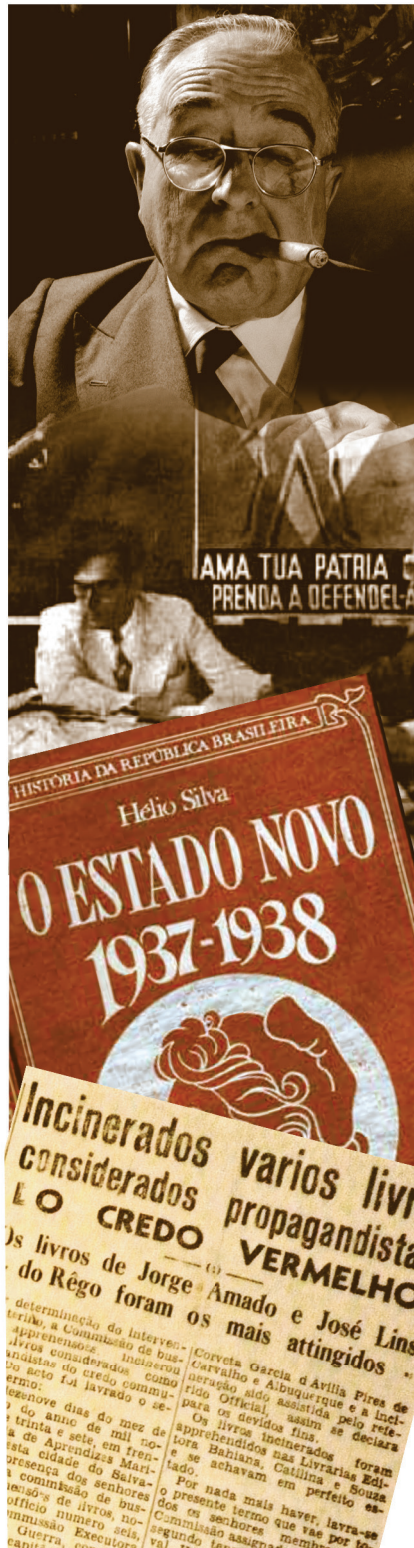
O GOB e o Estado Novo

Ir.: Leonardo Montanholi dos Santos, M.:I.:

Um dos temas que têm sido pouco abordado pela Historiografia Maçônica é o relacionamento do Grande Oriente do Brasil, potência primaz do país, com o regime ditatorial do Estado Novo, de viés nacionalista e inspiração fascista, implantado por Getúlio Vargas pelo golpe que outorgou a Constituição Federal de 10 de Novembro de 1937, com cunho predominantemente corporativista.

As obras mais consagradas na Academia como na Maçonaria: *O Poder da Maçonaria*, de Marco Morel e Françoise Jean de Oliveira Souza, e *a História do Grande Oriente do Brasil*, de José Castellani e William Almeida de Carvalho, se limitam relatar que, em 25 de novembro de 1937, o governo determinou o fechamento da Maçonaria no país, por conselho do general Newton Cavalcante, e que os trabalhos foram retornando aos poucos, a partir de 7 de janeiro de 1938, quando o GOB fora posto na legalidade, após ter assegurado ao regime que a sua ideologia e as suas atividades não lhes eram nocivas, e inclusive não conflitavam com esse. Assim, o Grande Oriente do Brasil, no contexto de Democracia Corporativa do Estado Novo, passou a ser o intermediário entre os Maçons regulares do Brasil e o governo, tal como os sindicatos de classe o eram em relação aos respectivos trabalhadores.

Dessa forma, o GOB passa a cooperar para com o regime ditatorial de Getúlio Vargas em diversas festividades e campanhas cívicas, como, por exemplo, a campanha de propaganda dos Bônus de



* Mestre Instalado da Loja Logos, 2769 (Grande Oriente do Brasil). Mestre em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Guerra e o feriado maçônico em comemoração ao aniversário do presidente Vargas, em 19 de abril de 1944.

A questão a ser respondida aqui é como o Grande Oriente do Brasil sobreviveu ao governo ditatorial de Vargas e com ele se relacionou.

De acordo com uma carta enviada pelo Conselho-Geral do GOB ao Presidente da República, Getúlio Vargas, datada de 20 de junho de 1940, a potência primaz do Brasil demonstrava sua reverência e fidelidade ao regime do Estado Novo e à sua ideologia de união nacional ordenada e disciplinada socialmente, lastreada em símbolos e vultos da História Nacional, como os iniciados no Grande Oriente do Brasil: o Imperador D. Pedro I, José Bonifácio de Andrada e Silva, o duque de Caxias e os presidentes da república marechal Deodoro da Fonseca, Prudente de Moraes, Campos Salles, marechal Hermes da Fonseca, e Nilo Peçanha, bem como rejeitando veementemente as ideologias consideradas extremistas exóticas, como o comunismo e o fascismo. Nessa carta o Grande Oriente do Brasil se coloca como colaborador da ditadura do Estado Novo e indica como seu interlocutor junto ao governo o general Valentim Benício da Silva.



A mencionada Historiografia sempre apontou como interlocutor entre o Grande Oriente do Brasil e o governo estadonovista, o coronel **Viriato Dornelles Vargas**, irmão mais velho do presidente Vargas, que era Maçom, e não o general Benício, Secretário-Geral do Exército, que sequer o era. O próprio general Benício esclarece isso, em carta datilografada em papel timbrado da Secretaria-Geral do Exército, endereçada ao Grão-Mestre interino do *Grande Oriente do Brasil*, **Joaquim Rodrigues Neves**, datada de 7 de agosto de 1940, em que relata a articulação do Grão-Mestre do *GOB*, general **José Maria Moreira Guimarães**, junto ao governo instaurado pelo golpe de 10 de novembro de 1937, logo após o seu advento, para que a Maçonaria não tivesse o seu funcionamento normal comprometido.

Nessa época, o general Benício, ainda coronel, era chefe de gabinete do Ministro da Guerra, general **Eurico Gaspar Dutra**, e fora convocado a comparecer à residência do general **Moreira Guimarães**, que fora seu comandante ainda no início da carreira militar, para lhe solicitar que gestão fosse feita junto ao Ministro da Guerra e, conseqüentemente, à Presidência da República, para que os trabalhos administrativos e filantrópicos do *Grande Oriente do Brasil* não fossem paralisados – sem prejuízo de eventual realização de sindicância policial visando a afastar elementos adeptos a ideologias contrárias ao Estado Novo, como o comunismo, o fascismo e o liberalismo democrático.

O general Benício relata que essa conversa com o general **Moreira Guimarães** fora o seu primeiro contato com a Maçonaria, que o sensibilizou bastante, tanto que deu segmento ao pleito desse junto ao Ministro da Guerra.

A partir daí, o general Benício manteve o contato com o Grande Oriente do Brasil, inclusive tendo feito uma conferência sobre o duque de **Caxias**, o Patrono do Exército Brasileiro, no Palácio Maçônico do Lavrado, sede do Poder Central na época.



Generais Valentim Benício, ao topo, e Moreira Guimarães. Abaixo deles, o timbre do GOB, desenhado por Mário Behring, segundo Kurt Prober, para o centenário de 1922.

Com o falecimento do general **Moreira Guimarães**, e por conta das respectivas exéquias, o general Benício passou a ter um contato mais próximo com membros da alta administração do *GOB*, como **Oscar Argolo** e **Leopoldino Costa Andrade**.

E a partir desse contato mais próximo, bem como diante da vacância criada no cargo de Grão-Mestre do *Grande Oriente do Brasil*, é que **Leopoldino Costa Andrade** fez uma "inusitada" sondagem ao já então general **Benício**, a de assumir a função antes exercida pe-

lo general **Moreira Guimarães**, em razão de uma suposta expressão de última vontade do falecido chefe.

O general **Benício**, surpreso, educadamente evadiu-se de dar uma resposta certa em relação à sondagem, positiva ou negativa, em função de além de não ser Maçom, ainda intimamente, não se sentia habilitado para a tarefa.

Na noite de 6 de junho de 1940, o general **Benício** recebera em sua residência a visita de uma comitiva da alta administração do *Grande Oriente do Brasil*, autorizada pelo Grão-Mestre interino do *GOB*, **Joaquim Rodrigues Neves**, com a seguinte composição: coronel **Joaquim Antunes**, "1º Substituto do Grão Mestre"; **Porphyrio Augusto Ferreira Secca**, Secretário-Geral do *GOB*; **Álvaro Palmeira**, presidente da comissão de justiça do Conselho Geral e censor de publicações; **Oscar Argolo**, "Venerável Mestre da Loja do Poder Central"; e **Leopoldino Costa Andrade**, membro do Conselho Geral da Ordem. Destacou ainda o general **Benício** em seu relato, as ausências última hora do Juiz **Homero Pinho** e do comandante **Erasmus Lima**. A conversa demorou por volta de duas horas, e chegaram as seguintes conclusões:

a) O assunto era ainda mantido no terreno das conversações. A solução viria em consequência de esclarecimentos ainda necessários.

b) Só poderia concordar eu [general Benício] em aceitar o honroso cargo se este me fosse confiado por unanimidade das 300 lojas maçônicas do Brasil.

c) Condição outra para a minha aquiescência era a disposição da Maçonaria em cooperar na obra do atual Governo do Brasil, de que participo por dever profissional e por convicção cívica.

d) Qualquer que fosse a deliberação decorrente dos itens anteriores, estava eu [General Benício] disposto a acompanhar uma comissão da Maçonaria Brasileira na entrega de uma mensagem



que esta se dignasse apresentar a S. Excia. o Sr. Presidente da República, na qual a Maçonaria assegurasse ao Governo as disposições constantes do item anterior.

Analisando as conclusões da conversa entre o general **Benício** e a comissão do *GOB* que o visitou, nota-se que aquele impôs, na verdade, duas condições para assumir o comando da potência maçônica primaz do Brasil: a inexistência de oposição, haja vista que todas as Lojas Maçônicas teriam que anuir com a sua nomeação, e a necessária cooperação com regime ditatorial do Estado Novo.

Ou seja, a ideologia do Estado Novo, consistente na unicidade de ideias, ausência de oposição, nacionalismo e ordem corporativa, seria aplicada no *GOB*, e esse seria mais um agente oficial da sua propagação, caso o general **Benício** tivesse tomado posse como Grão-Mestre do *Grande Oriente do Brasil*.

O general **Benício** afirma no documento que a chegada da já analisada carta ao Presidente da República, datada de 20 de junho de 1940, foi o início do cumprimento do item “d” das conclusões da conversa realizada em 6 de junho de 1940, em sua residência. Entretanto, a partir daí, no documento, o general **Benício** começa a traçar várias escusas para recusar não só posição de Grão-Mestre do *Grande Oriente do Brasil*, como também de “*intérprete dos sentimentos e aspirações da Maçonaria Brasileira*”. Alega para tanto as suas obrigações militares, que lhe exigiriam maior dedicação, e que até poderiam retirá-lo da Capital Federal, ainda mais diante da circunstancial defesa da neutralidade brasileira na II Guerra Mundial.

Ainda alega a sua incompatibilidade ideológica com a Maçonaria, haja vista ser adepto do regime ditatorial do Estado Novo, e que, como militar, obrigatoriamente defenderia esse em detrimento daquela, caso houvesse alguma incompatibilidade entre eles, destacando aí a sua intolerância a eventuais divergências ideológicas e de opiniões com outros Maçons, ca-

so assumisse o posto, o que iria de encontro com o princípio da liberdade de pensamento pregado e exercido pela Maçonaria.

O general **Benício**, já se encaminhando para o término da sua carta, se propõe a comparecer a Assembleia-Geral do *Grande Oriente do Brasil* para declinar do convite e melhor esclarecer as suas escusas.

Por fim, se despede agradecido, e relatando que o seu convívio com a maçonaria foi repleto de “*demonstrações de puros sentimentos cívicos e as mais lídimas manifestações de um elevado interesse pela grandeza do Brasil.*”

Analisando as fontes documentais aqui trazidas, nota-se que o *Grande Oriente do Brasil* buscou resistir à ação do Estado Novo para manter-se ainda funcionando plenamente. E apostou na interlocução com o governo ditatorial, através do coronel **Viriato Dornelles** Vargas, de modo íntimo e direto para com o Presidente da República, e institucional, principalmente junto aos órgãos de repressão do regime, como os Ministérios da Justiça e da Guerra; o *Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)*; e as Polícias Civil e Militar do Distrito Federal, mesmo que isso custasse o poder de escolha democrática do seu Grão-Mestre pelos seus membros, e por via de consequência, a sua regularidade perante outras potências maçônicas estrangeiras.

Esse temor de ter os seus trabalhos suspensos por tempo indeterminado era real, haja vista ter ocorrido com as Lojas Maçônicas jurisdicionadas à *Grande Loja Distrital da América do Sul-Divisão Norte da United Grand Lodge of England*, que só tiveram os seus trabalhos reabertos em 1946, com a queda do regime de exceção, e o advento da nova ordem

constitucional democrática no país. Os Maçons ingleses residentes no Brasil, diferentemente dos brasileiros, não tinham condições de partir para uma estratégia de diálogo com o governo. Em primeiro lugar, a Maçonaria estava fechada oficialmente; em segundo, o governo não permitiria o funcionamento de uma instituição cujo objetivo era propagar a cultura inglesa e não a luso-brasileira, utilizando como língua oficial o inglês e não o português; e, em terceiro, havia setores relevantes no governo brasileiro declaradamente germanófilos, que tinham má vontade para com os britânicos.

E para concretizar a estratégia de interlocução institucional entre o *Grande Oriente do Brasil* e o governo ditatorial de **Vargas**, o Conselho-Geral da Ordem sondou a pessoa do general **Benício**, que a realizou de modo informal logo após o golpe estadonovista de 10 de novembro de 1937, com algum sucesso, junto ao Ministro da Guerra, e conseqüentemente, ao presidente **Getúlio Vargas**.

Ao que parece, de acordo com a carta enviada ao Grão-Mestre interino do *Grande Oriente do Brasil* pelo o Secretário-Geral do Exército em 7 de agosto de

Joaquim Rodrigues Neves, **primeiro Grão-Mestre afro-descendente do Grande Oriente do Brasil (1940-52), esteve à frente da Potência Primaz do Brasil no período difícil da conturbada década em que não só o GOB, mas toda a Maçonaria brasileira teve vida incerta.**



1940, a recusa por esse do cargo e da função oferecidos pelo Conselho-Geral da Ordem esbarrou no não preenchimento do requisito "b" para a sua aceitação, qual seja, a anuência unânime das 300 Lojas jurisdicionadas ao *Grande Oriente do Brasil*.

Para embasar a sua motivada recusa, é provável que o general **Benício** tenha obtido informes de possíveis, relevantes e firmes resistências ao seu nome, certamente pelo fato de não ser Maçom, e por ser declaradamente adepto e servidor do regime ditatorial do Estado Novo.

Assim, pode-se concluir que o general **Valentim Benício da Silva** fora um garantidor, junto ao governo brasileiro, da manutenção das atividades do *Grande Oriente do Brasil*, durante a ditadura do Estado Novo, ao menos entre novembro de 1937 e agosto de 1940, ao lado do coronel **Viriato Dornelles Vargas**.

Fazendo uma análise maçônica, pode-se dizer que essa recusa do

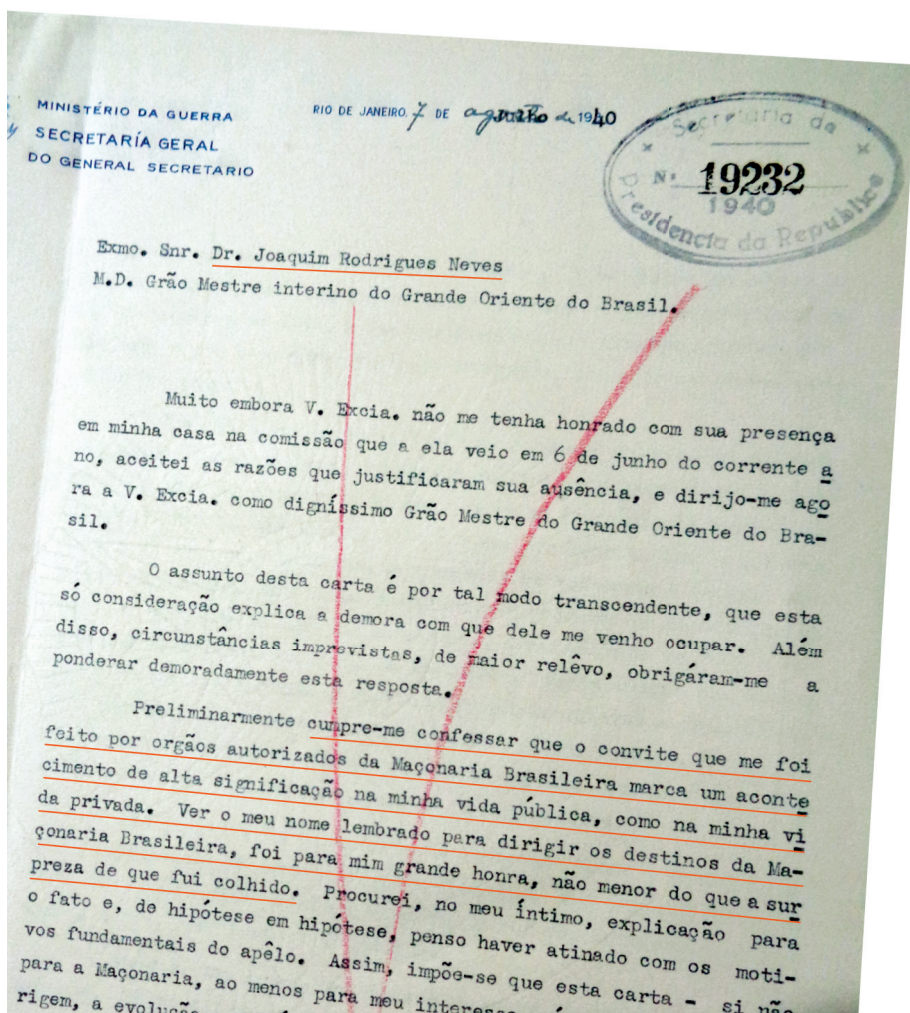
general **Benício** salvou o *Grande Oriente do Brasil* da irregularidade internacional, principalmente em relação a Potência Maçônica mais relevante, a *United Grand Lodge of England*, cujo tratado de mútuo reconhecimento e amizade fraterna fora assinado em 6 de maio de 1935, o que, no caso, inviabilizaria a circulação maçônica de seus membros pelo mundo. Isto por que o 5º Princípio de Reconhecimento de uma Potência Maçônica Estrangeira, aceito pela *United Grand Lodge of England* em 4 de setembro de 1929, e utilizado por todas as Obediências do mundo, afirma que uma *Grande Loja* ou *Grande Oriente* deve ter jurisdição soberana e controle sobre as suas respectivas Lojas. E, como tal, deve ser responsável, independente, organizado como auto governo, com exclusiva sobre os Graus Simbólicos (Aprendiz, Companheiro e Mestre), nunca devendo se sujeitar e dividir a sua autoridade sobre essa matéria com qualquer um *Supremo Conselho* ou qualquer outro Poder que reclame o controle.

E a infração a esse 5º Princípio de Reconhecimento decorreria do fato de o general **Benício** se tornar Grão-Mestre de uma Potência Maçônica sem ter sido eleito pelos Maçons a ela jurisdicionados.

Por outro giro, também poderia configurar infração a essa mesma regra o fato de o general **Benício** ocupar simultaneamente a função de Grão-Mestre e de Secretário-Geral do Exército, haja vista que esse exercício concomitante de postos poderia ser interpretado como uma forma de intervenção governamental em uma Potência Maçônica, o que é totalmente vedado.

Levando ainda em conta que o general **Benício**, não sendo Maçom, seria empossado Grão-Mestre em uma cerimônia maçônica secreta, em que se faria alusão a seus peculiares segredos e modos de reconhecimento, sem nunca ter sido iniciado e colado os graus simbólicos posteriores de Companheiro e Mestre. No caso, o *Grande Oriente do Brasil* teria ainda descumprido um item das Antigas Obrigações, constante no livro das *Constituições de Andresson*, o da discricção, isto é, o de nunca revelar os segredos maçônicos e os modos de reconhecimento a uma pessoa não iniciada. Poder-se-ia especular que o Conselho-Geral da Ordem fizesse com o general **Benício**, como outrora o fizera com o Príncipe Regente **D. Pedro**, que fora do 1º ao 3º grau entre 2 e 5 de agosto de 1822, para poder assumir o Grão Mestrado do *Grande Oriente do Brasil* em 4 de outubro de 1822.

Porém, nos documentos aqui analisados não consta nenhum indício de que isso seria feito. Assim, o *Grande Oriente do Brasil*, como uma instituição que venera a li-



Na carta ao então Grão-Mestre interino do GOB Rodrigues Neves, o general Benício, embora muito honrado pela escolha, recusa de forma elegante o convite para assumir o Grão-Mestrado.



berdade e a democracia, colocou em risco a sua regularidade e até mesmo os seus princípios mais inerentes por uma real necessidade de sobrevivência ante a repressão perpetrada por um governo ditatorial.

Da análise das fontes documentais aqui apresentadas, verifica-se que o estudo do relacionamento entre a Maçonaria e o regime do Estado Novo ainda há muito por progredir, de modo a se descobrir novos atores e sua atuação detalhada, bem como a de alguns outros já conhecidos.

E por que não fazer um exercício de História Comparada, buscar o estudo conjunto da resistência maçônica e o relacionamento da Maçonaria com governos ditatoriais da década de 30 e 40 do século XX, na América Latina e na Europa Ibérica, que tem características culturais e políticas que dialogam entre si, como, respectivamente, o Brasil e a República Dominicana e Portugal e Espanha?

Está lançado o desafio! ▲

Fontes

- Carta enviada pelo Conselho-Geral do Grande Oriente do Brasil para o Presidente da República, data de 20 de junho de 1940, arquivada no Arquivo Nacional sob o tomo BR AN, RIO, CODES, 35, Fundo do Gabinete Civil da Presidência da República, lata 197- Ministério da Guerra.

- Carta enviada pelo Secretário-Geral do Exército, General Valentim Benício da Silva para o Grão-Mestre interino do Grande Oriente do Brasil, Joaquim Rodrigues Neves, arquivada no Arquivo Nacional sob o tomo BR AN, RIO, CODES, 35, Fundo do Gabinete Civil da Presidência da República, lata 197- Ministério da Guerra.

Legislação Maçônica

- *Constitutions of the Antient Fraternity of Free and Accepted Masons under the United Grand Lodge of England.* London, *Freemason's Hall*, 2014.

Bibliografia:

- CASTELLANI, José; CARVALHO, William Almeida de. *História do Grande Oriente do Brasil: A maçonaria na História do Brasil.* São Paulo: Madras, 2009.

- GENZ, Plínio Virgílio. *A Maçonaria Inglesa no Brasil.* São Paulo: Madras, 2013.

- GOMES, Angela de Castro.. O Redescobrimto do Brasil. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder.* Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982.

- MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. *O Poder da Maçonaria: A História de uma Sociedade Secreta no Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

- SANTOS, Leonardo Montanholi, "AJUDE A ESMAGAR O EIXO!": *Uma Análise Comparada da Campanha dos Bônus de Guerra no Brasil e nos Estados Unidos da América (1941 - 1945).* Dissertação (Mestrado em História Comparada)- Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

- SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil vai à Guerra.*, Barueri: Manole, 2003.

- SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo In: PANDOLFI, Dulce. (Org.). *Repensando o Estado Novo.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.



Um precedente histórico



À esquerda, o marechal Magnan, nomeado pelo imperador Napoleão III, "Grão-Mestre de todos os Maçons de França". À direita, o SGC Viennet, que não se submeteu e garantiu que o SC francês permanecesse soberano e independente.

Esta história teve um precedente no conturbado panorama da Maçonaria francesa. Em 1861, quando os envolvimento políticos do Grande Oriente de França levaram a uma amarga contenda entre os dois candidatos ao Grão-Mestrado, o príncipe Murat, que pretendia reeleger-se, e o príncipe Jérôme Bonaparte. A coisa foi tão séria que o chefe de polícia Boitelle interditou a assembleia para a eleição, a bem do sossego público.

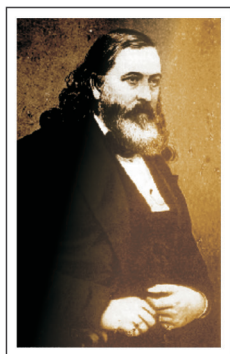
O imperador Napoleão III interveio e, em 11 de janeiro de 1862, descartou os dois candidatos e nomeou o marechal Bernard-Pierre Magnan, que nem era Maçom nem sabia coisa alguma dos usos e costumes da Ordem. Não importou. O marechal recebeu to-

dos os 33 Graus de uma só vez. A briga no GO de França terminara, mas outra ainda mais grave começaria. Ignorando os costumes maçônicos, ele convocou à sua presença, por três vezes, o Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho de França, Ir.: Jeans Pons Guillaume Viennet. O idoso Comendador recusou-se peremptoriamente, declarando. Magnan decretou a dissolução do Supremo Conselho e a interdição das oficinas. Em vão. O imperador não quis intrometer-se mais.

Graças à firmeza de Viennet, como diria o historiador Paul Nau-don, "o Supremo Conselho Continuou livre e independente. O tenente-coronel da reserva bateu o Marechal de França..."

O Pensamento Vivo de **Albert Pike**

Moral and Dogma



Nota ao Leitor

É preciso considerar que **Albert Pike** escreveu em outra época e em outro contexto. Mentes menos abertas normalmente implicam com o título de sua obra magna, *Morals and Dogma*. Para entender melhor as intenções dele, transcrevo parte do Prefácio da obra:

“O Rito Escocês Antigo e Aceito usa a palavra Dogma em seu verdadeiro sentido, o de doutrina ou ensinamento; e não tem nada do sentido odioso do termo dogmático. Cada um é inteiramente livre para discordar ou rejeitar do que quer que lhe pareça falso ou falacioso. Tudo que se requer dele é que avalie o que é ensinado e dê um julgamento justo e sem preconceitos.”

O conselho serve bem para nós, mais de um século depois...

J. W. Kreutzer Bach

Cavaleiro do Real Machado ou Príncipe do Líbano Grau 22

Tradução livre de
J. W. Kreutzer Bach

2ª Parte

O trabalho é algo mais benéfico do que a ignorância do homem pode compreender ou suas lamúrias admitirão. Mesmo quando suas finalidades não lhe sejam conhecidas, não significa que seja sem importância ou monótono. É tudo treinamento, disciplina, um desenvolver de energias e de virtudes, uma escola de evolução. Do menino pobre que junta lenha para o forno da mãe, ao homem feito que abate o carvalho ou guia o navio ou locomotiva, todo aquele que trabalha, a cada passo e tarefa urgente, está obedecendo uma sabedoria muito acima da sua e cumprindo um objetivo muito além dos seus próprios.

A grande lei da industriiosidade humana é esta: o trabalho, seja feito com as mãos ou o intelecto, constitui-se no alicerce da evolução humana. Não fomos enviados ao mundo para, como animais, comer da vegetação espontânea dos campos e depois nos

quedar em repouso indolente. Fomos enviados para cavar o solo e arar o mar, para negociar nas cidades e trabalhar nas fábricas. O mundo é a grande escola do trabalho. Em um estágio artificial da sociedade, a humanidade está dividida em duas classes, a ociosa e



A oficina de Simon Bening, Países Baixos (c. 1540)



17



O escritório do advogado da aldeia, tela de Pieter Brueghel, o jovem (1564-1636)

Jan Brueghel, tanto o pai como o filho, celebraram a gente simples dos Países Baixos com um carinho que nos permite reviver e entender seu tempo. Nesta tela famosa de Brueghel, o filho, os aldeões pagam o trabalho do advogado com o produto do seu trabalho.

a que trabalha, mas não é esse o desígnio da Providência.

O labor é a grande função do homem, sua peculiar distinção e seu privilégio. O animal que somente come, bebe e dorme, ao tornar-se um trabalhador e, com sua engenhosidade, imprime suas ideias na matéria-prima da Natureza, moldando, tecendo e convertendo para seus propósitos para evolução e felicidade, desfruta do maior dos privilégios.

A Terra e a atmosfera são o laboratório do homem. Com a pá e o arado, com brocas de mineração, chaminés e forja, com fogo e vapor, em meio ao barulho das máquinas(1), e ao largo, nos campos, o homem foi feito para estar sempre trabalhando e experimentando. E ainda que ele e seus locais de labuta orbitem com os céus e os esplendores do Firmamento estejam à sua volta, e suas imagens de profundidade infinita o convidem a pensar, ainda assim, em todos os mundos da filosofia e no universo da intelectualidade, o homem deve ser um trabalhador. Ele não é nada, não pode ser nada, não conseguirá nada, não chegará a nada sem trabalho. Sem trabalho, jamais ganhará evolução ou felicidade. Os ociosos devem carregar as horas como sua presa. Para eles, o Tempo é um inimigo armado. Eles devem matá-lo ou morrer. Jamais foi ou jamais convirá ao homem não fazer nada, a não ter cuidados, a viver na indolência e festejar a sós. Ninguém pode viver desse jeito. Deus fez uma lei contra isto, que nenhum poder humano pode anular nem a esperança humana evadir.

A ideia de que, [...] por alguma grande jogada ou especulação, o trabalho de toda uma vida possa ser realizado em apenas uma breve parte dela; ou de que, por habilidade administrativa, boa parte da existência possa ser poupada dos cuidados da industrioseidade e da austeridade, está baseada em um grande erro, em uma falsa noção da verdadeira natureza e dos objetivos do trabalho e das condições do bem estar humano. O desejo de acumular [riquezas] para garantir uma vida de facilidades e gratificação, de escapar do esforço e da austeridade é comum, mas totalmente errado.



"O labor é a grande função do homem, sua peculiar distinção e seu privilégio." Artistas como o alemão Arthur Kampf procuraram retratar a epopéia do esforço humano para superar as próprias limitações





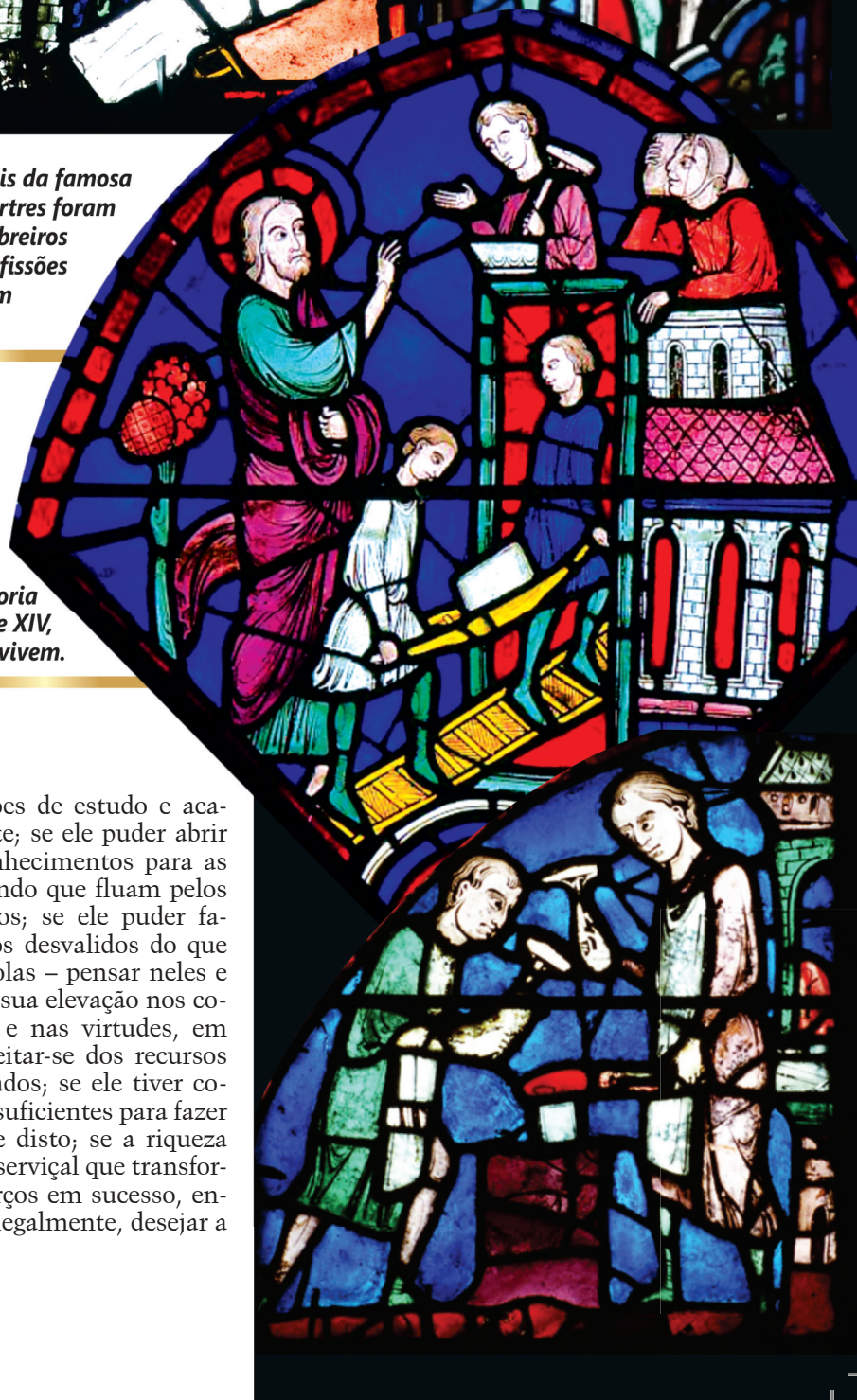
É melhor para o Maçom viver enquanto vive, aproveitar a vida enquanto ela passa, viver uma vida mais rica, ainda que morra mais pobre. Melhor que tudo, para ele, será banir os sonhos vazios de futura indolência e indulgência; a dedicar-se aos labores da vida, como educação em sua vida terrena, de modo que, se obtiver independência, que ela não signifique abandono das atividades. É melhor para ele saber que, para ser feliz, deve sempre ser um trabalhador, com o espírito, o corpo ou ambos. E que, o uso de seus poderes, físicos e mentais, não devem ser encarados como mera e irritante fadiga, mas uma boa disciplina, um treinamento nessa escola primária de nossa existência para conquististas mais nobres e esferas de atividade mais nobre depois.

Há razões pelas quais um Maçom pode legalmente e honestamente desejar a fortuna. Se ele puder decorar um palácio, já uma obra de arte em si, com a produção de gênios; se ele puder ser amigo e protetor do trabalho humilde; se puder aliviar as horas amargas dos que sofrem pela má saúde ou sorte adversa; se ele puder interpor-se entre o opressor e sua presa, fazendo com que os grillhões e as masmorras libertem suas vítimas; se ele puder criar gran-

Muitos dos vitrais da famosa Catedral de Chartres foram dedicados aos obreiros das diversas profissões que contribuíram para edificá-la.

Dos 185 vitrais originais, a maioria dos séculos XIII e XIV, 152 ainda sobrevivem.

des instituições de estudo e academias de arte; se ele puder abrir fontes de conhecimentos para as gentes, cuidando que fluam pelos canais corretos; se ele puder fazer mais pelos desvalidos do que dar-lhes esmolas – pensar neles e planejar para sua elevação nos conhecimentos e nas virtudes, em vez de aproveitar-se dos recursos a eles destinados; se ele tiver coragem e alma suficientes para fazer tudo ou parte disto; se a riqueza for para ele a serviçal que transforme seus esforços em sucesso, então ele pode, legalmente, desejar a



fortuna. Porém, se não for para ele senão seguir em indolência indulgente e colocar seus filhos na mesma escola ruim, não há por que razão desejá-la.

O que há de glorioso no mundo que não seja produto do labor, seja físico ou mental? O que é a história senão o seu registro? O que são os tesouros do gênio e da arte senão seu produto? O que são campos cultivados senão seu labor? Os mercados vigorosos, as cidades crescentes, os ricos impérios do mundo nada mais são do que grandes tesouros produzidos pelo trabalho? As pirâmides do Egito, os castelos e templos da Europa, as cidades soterradas da Itália e do México, os canais e as estradas de ferro da cristandade, tudo isto, em todo o mundo, são as poderosas pegadas do labor. Sem ele, não teríamos antiguidade. Sem ele, não haveria memória do passado nem esperança no futuro.

Mesmo a mais absoluta indolência repousa sobre tesouros ganhos do labor. Aquele que nada faz, mas mesmo assim não pas-

sa fome, ainda tem significância: porque ele é prova de que, em algum momento, alguém trabalhou. Mas esse a Maçonaria não celebra. Ela presta honras ao que trabalha, o Obreiro, aquele que produz e não consome tudo o que produziu, aquele que com suas mãos contribui para o conforto humano, não apenas desfruta dele. Ela presta honras àquele que avança em meio à fúria dos elementos para lutar suas batalhas, aquele que não se esconde, efeminado, por trás de almofadas de facilidades. Ela presta honras aos viris e aos resolutos, aos de coração valente, fronte suada e cérebro incansável. Ela presta honras às grandes e formosas obras de humanidade, de homens e mulheres; à industriiosidade paterna e aos cuidados maternos; à sabedoria que ensina e à paciência em aprender; ao homem público responsável e ao Obreiro que labora nas oficinas, no campo e nos escritórios.

Deus não fez um mundo de ricos, mas um mundo de pobres,

ou, pelo menos, de homens que necessitam trabalhar para sustentar-se. [...] Se o mundo inteiro adquirisse riquezas (e um homem, ao nascer, tem tanto direito a ela quanto qualquer outro); se a geração presente pudesse prover completamente a próxima, como alguns homens gostariam de fazer para seus filhos, então o mundo seria destruído de um só golpe. Toda operosidade cessaria por falta de necessidade; o progresso estancaria; a dissipação das fortunas, esses pecados que são contrabalançados pelo tônus sadio da sociedade, levaria à universalização da doença e à licenciosidade; e o mundo afundaria, apodrecido, como **Herodes**, no túmulo de seus vícios execráveis.



Notas:

(1) Não devemos esquecer que **Pike** escreve nas décadas do século XIX, onde o processo industrial era movido basicamente a vapor.

Quando o suor do trabalho molha a frente do obreiro e sua paga é justa, aí está o sustentáculo de toda sociedade.



O padeiro e seu aprendiz (Bodleian Library, Oxford)



O Primeiro Maçom Negro

Ir.: *Leandro Delamare*, 18º

tão miscigenada. Não é muito difícil encontrar relatos que nos esclareçam quem foi esse primeiro Maçom negro. Para nosso alívio, não há quase contradições. Nas pesquisas, que nos conduziram a diversos autores no exterior e alguns também aqui, apontam para um mesmo nome: Ângelo Soliman.

Nossa curiosidade inicial foi despertada por um artigo da revista *Hiram* (1/2004), publicação do *Grande Oriente da Itália*, com um artigo excelente, Ângelo Soliman, il primo Venerabile africano. Instigados por esse “furo de reportagem”, por que não cavar mais fundo para saber? Felizmente, hoje temos a internet.

Baseado na documentação existente, podemos afirmar – com quase toda certeza – que **Ângelo Soliman** foi realmente o primeiro Maçom negro. Mais do que isto, foi o primeiro Venerável Mestre de ascendência africana na história da Maçonaria moderna. Esta informação nos permite também perceber que desde os seus primórdios, a Maçonaria já era uma instituição que pregava algo não muito presente nas diversas outras instituições da época: o igualitarismo.

Colar da Ordem do Tosão de Ouro, instituída em 1540 pelo duque Felipe III, da Borgonha, uma das ordens de maior prestígio na Europa. Ângelo Soliman, apesar dos preconceitos, era detentor da condecoração.

Nosso Irmão **Ângelo Soliman** nasceu em 1721 na África, o local exato não se sabe. Existem documentos históricos que dizem simplesmente que foi em um lugar desconhecido. Outros dizendo dizem que foi no sul da Etiópia. Mas também existem referências sólidas de que ele nasceu em algum lugar no norte da Nigéria, no império de Wandala, onde hoje atualmente é o Camarões ou, ainda, no nordeste da Nigéria.

Seu nome original era **Mmadi Fazer**, o mesmo nome de um rei que governava um território islâmico africano. Ele foi vendido como escravo aos sete anos de idade, trabalhando como guardião de camelos no Marrocos. Anos mais tarde, algo típico das trocas comerciais entre os povos do mediterrâneo desde os primórdios dos tempos, do Mediterrâneo, quando era escravo de uma senhora rica da nobreza siciliana, foi batizado em 11 de setembro de 1731, com o nome de Ângelo Soliman e então enviado como um presente para a família Lobkowitz. Com is-



Quem foi o primeiro Maçom negro? E o primeiro Venerável? Hoje em dia, nada há de surpreendente na presença numerosa de Maçons negros, principalmente na Maçonaria do Novo Mundo. Nos Estados Unidos, não há quem desconheça a importância das Grandes Lojas do sistema *Prince Hall*. Além disto, temos hoje uma Maçonaria já muito forte em muitos dos países do continente africano. Sem contar que importantes Lojas americanas tradicionais, como a *Grand Lodge of the District of Columbia* têm Veneráveis não apenas negros, mas também africanos. O Ir.: **Teko A. Foly**, por exemplo, veio de Togo!

Saber quem foi o primeiro Maçom negro é uma indagação natural, principalmente nos países da América Latina, de população



Detalhe de um prato comemorativo do aniversário de uma Loja americana, a Loja Mozart nº 436, em 1911, doada pela Sra. Joy Cook, de S. Petersburg, na Flórida, ao Phoenixmasonry Masonic Museum.



como era na época. Seria mesmo um dos pontos de conflito entre ele e o príncipe ultra conservador.

Não se sabe realmente se havia outros motivos para que o casamento fosse mantido em segredo. Porém, mesmo com todas as precauções, o príncipe **Liechtenstein** acabou sabendo do casamento e dispensou os serviços de **Soliman**, fazendo dele, assim, um homem livre. A família **Soliman-Kellermann** morou em uma casa propriedade de sua esposa **Magdalena**, no subúrbio **Weissgarber**, onde em 1772, deu à luz a sua filha, **Josephine**, e onde viveu até 1783.

Soliman Maçom

Soliman foi iniciado na década entre 1771 e 1781, na Loja *Zur Eintracht Wahren* (Para a Verdadeira Harmonia), Loja esta que também tinha em seus quadros diversos membros da elite social, política e artística de Viena. Existem inclusive diversos relatos da época que **Soliman** e **Mozart** muitas vezes frequentavam a mesma Loja, e eram frequentemente vistos juntos. Seu nome heróico era **Massinissa**, homenagem ao rei da Numídia, que viveu em 240-148 a.C.

Soliman foi Venerável Mestre desta mesma Loja por um período e deu um novo alento à cultura dos Maçons. Ele mudou o ritual para permitir a leitura de ensaios científicos na Loja, que incentivava seus membros a produzir trabalhos acadêmicos, música e poesia para sessões meio públicas, de modo a produzir debate e difundir conhecimentos. E foi além, porque a Loja fazia publicações periódicas. Um trecho publicado na internet pela Loja *Amen Ra* Nº 584, de Milwaukee, no Estado americano de Wisconsin, permite calcular o impacto das ações

de Ângelo: “Viena, assim, rapidamente tornou-se um centro da República de Letras, gerando uma notável atividade em prol do Iluminismo em curto tempo”.

Da mesma forma que muitos intelectuais de sua Loja, ele se tornou um modelo muito respeitado da Maçonaria progressista do seu tempo. Seu salário anual modesto, apenas 600 florins, fez com que **Soliman** tenha vivido com sua família à beira da pobreza. Ainda assim, ele sempre prezou muito pela cultura e pelos estudos. Basta salientar que ele falava fluentemente seis idiomas: latim, italiano, francês, alemão, inglês e tcheco.

No ano de sua aposentadoria, **Soliman** foi impedido de viver em sua casa no subúrbio de Viena e passou então a viver com sua esposa e filha no palácio **Liechtenstein**. Após a morte de sua esposa, o que ocorreu em 1786, tornou-se insociável, colocando toda a sua energia na educação de sua filha **Josephine**. Ele se sentia livre, tinha uma boa saúde, e não deixava qualquer traço do declínio natural



Moderna miniatura de Massinissa, rei da Numídia, pela companhia alemã Berliner Zinnfiguren & Preussisches Buecherkabinett (<http://www.zinnfigur.com/index.php>)



so **Ângelo** se tornou um fiel aliado do príncipe **Johann Georg Christian Lobkowitz**, que na época governava a Sicília, acompanhando o mesmo nos campos de batalha na Lombardia, Transilvânia, Boêmia e Hungria.

Após a morte do general **Lobkowitz** ele foi enviado como propriedade do príncipe **Wenzel von Liechtensteing**, que em 1755 o levou para sua residência, em Viena.

Com a experiência adquirida em todas as suas viagens sociais e militares, **Ângelo** se tornou uma pessoa muito culta e, em muito pouco tempo, foi promovido em seu trabalho. Por seus méritos, ganhou a confiança da família, chegando inclusive a ser o tutor do príncipe **Aloys**.

Soliman se casou com **Magdalena**, viúva do Secretário **Anton Christiano** e irmã do futuro general francês **Kellermann**, em 6 de fevereiro de 1768, na Catedral de Santo Estêvão, em Viena, em uma cerimônia secreta, com dispensa especial do cardeal **Migazzi**. Este segredo foi mantido pelo cardeal. Não era para menos. Afinal, o casamento de uma viúva francesa com um africano geraria muito comentário na sociedade europeia, extremamente conservadora





Reconstituição de Ângelo Soliman, a partir da máscara mortuária, feita pelo escultor Franz Traller, para a exposição do Museu de Viena. Ao fundo, Mozart em sua Loja, tela de Ignaz Unterberger.



Esforços foram inúteis para se obter os restos do cadáver para que se pudesse enterrá-lo. Muitos criticavam duramente a “curiosidade” despertada pela exposição escandalosa de um ser humano quase nu, de rara beleza e pele escura. Para Viena em geral, e em particular para os Maçons, vetores das teorias do progresso humano pela Ilustração, o desrespeito a **Soliman** foi um testemunho vivo das políticas da oligarquia reacionária.

Lamentavelmente, após a morte do imperador **José II** (1741-1790), que em 1781 tinha publicado o Édito de Tolerância e quatro anos mais tarde concedia aos Maçons “proteção e liberdade”,

da idade nem sua aparência externa atrapalhar seus planos.

Soliman morreu em 21 de novembro de 1796, inesperadamente. Às duas da tarde durante uma caminhada ao longo do rio. Poucas horas após sua morte, seu corpo foi reivindicado pelo Imperador **Francisco II** (1768-1835), que ordenou que o escultor **Franz Traller** trocasse a roupa e o empalhasse. O corpo foi moldado em gesso a pedido do monarca, que tinha o estranho hábito de colecionar corpos humanos empalhados.

Apesar dos apelos de sua filha, os protestos indignados de seus irmãos Maçons e até mesmo as objeções do arcebispo católico, o Imperador colocou em exposição, em seu museu particular.

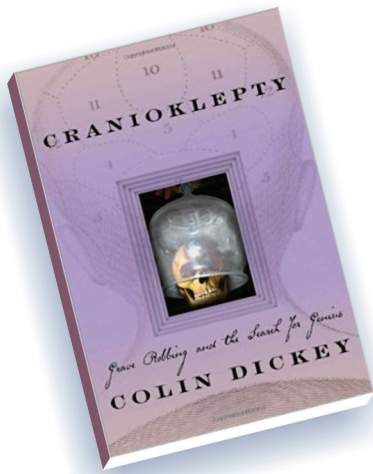
O destino *post mortem* de Ângelo Soliman em Viena causou tal comoção que foram escritas diversas histórias e documentos sobre o caso. Se foi um exemplo de vingança torpe contra um negro livre, foi também, ao mesmo tempo, uma demonstração de voyeurismo bizarro, discriminação e racismo. O corpo recheado e exposto de **Soliman**, montado em uma moldura de madeira, para o resto do longo reinado do imperador **Francisco II**, permaneceu em exposição, juntamente com os animais selvagens no museu do Imperador. Não há o que se espantar. O gosto pelo bizarro continua nos dias de hoje. Basta lembrar dos circos de horrores dos séculos passados e dos filmes de terror que ainda fazem sucesso...

seu sobrinho e sucessor **Francisco II**, depois de enfrentar uma conspiração no início de seu reinado, não só ordenou a prisão e execução de alguns dos republicanos no círculo de **Mozart**, mas também a prisão do **marquês de Lafayette**, amigo de **George Washington**. Isto pode ser atribuído, em parte, aos tempos em que vivia. No mesmo ano em que assumiu o trono, a Revolução Francesa mandava **Luís XVI** e sua tia, a rainha austríaca, **Maria Antonieta**, ao cadafalso. Obviamente as reformas sociais e políticas preconizadas pela Maçonaria, implantadas a ferro e fogo pelo adversário temível, **Napoleão Bonaparte**, em nada contribuíram para angariar sua simpatia. Porém, seu comportamento em relação **Ângelo Soliman** por si só teria estabelecido sua reputação intransigente, reacionária – e mórbida.

Colin Dickey em seu livro, *Cranioklepty*, narra como a cabeça do compositor **Franz Haydn**

Canaletto pintou Viena ao tempo de Soliman e Mozart. Aqui, detalhe do quadro mostra a praça de Freyung. Ao lado, selo austríaco em homenagem a Soliman.





Cranioklepty, de Colin Dickey, um retrato das estranhas bizarrices que hoje ainda existem, ainda que assumindo outras formas...



foi roubada da sepultura. Aparentemente, a julgar pelo subtítulo do livro, *Grave robbing and the search for genius* (o roubo de sepulturas e a busca pela genialidade) vemos que a Europa ainda não se havia livrado do apego às relíquias da Idade Média, se bem que por motivos diversos. Na verdade, **Soliman** não estava sozinho nesse circo de horrores, ainda nada raro na época. Após embalsamar o raro “espécime” humano para mostrar em seu gabinete de história natural, foram adicionados, nos seis anos seguintes, uma menina de seis anos, de pele da mesma cor, presente da rainha **Maria Carolina**, das Duas Sicílias, e finalmente **Pietro Michele Angiola**, ex-tratador do zoológico do palácio Schönbrunn, montando um camelo. Em 1806, o novo diretor do gabinete de ciências naturais, **Carl Schreiber**, decidiu que não era apropriado expor exemplares humanos e decidiu colocá-los em uma sala ao lado, para mostrar apenas aos que expressamente solicitassem. Mas, apesar de todos os escrúpulos, a coleção se expandiu. Em 1808, o Gabinete recebeu um presente de pele escura, ex-enfermeiro chefe do hospital de Misericórdia, **Joseph Hammer**.

As relíquias macabras de **Soliman** e seus companheiros de infortúnio sucumbiram aos movimentos

Poster do Metropolitan Opera House, de Nova York, baseado em quadro de Marc Chagall, para a Flauta Mágica, apresentada pela primeira vez em 30 de setembro de 1791



revolucionários de 1848. Quando uma granada foi atirada no palácio de Hofburg, onde estava a Biblioteca Imperial austríaca, todas foram tomadas pelas chamas. Não restam vestígios das relíquias de **Ângelo Soliman** e dos outros..

Soliman, por ser negro e Maçom, certamente era peculiar em uma sociedade cuja postura reacionária fora radicalizada pelas consequências da Revolução Francesa e pelas ações de Napoleão. Para a prática abominável e falta de respeito, resta-nos a certeza de que **Soliman** só foi alcançado pelo racismo depois de sua morte, mesmo em uma sociedade decadente e já nos seus estertores. Mesmo mal conhecido, **Ângelo Soliman** merece ser lembrado não apenas pela primazia como Maçom, mas como emblema da Maçonaria diversificada que temos hoje.

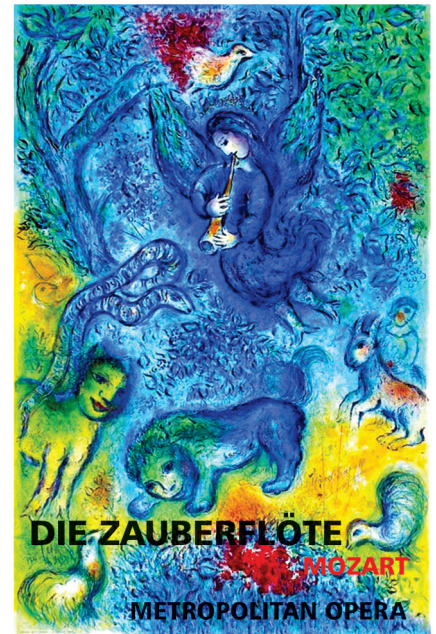
Há rumores de que ele teria sido a inspiração para dois personagens na obra de **Wolfgang Amadeus Mozart**: o **Monotastos**, da *Flauta Mágica*, e **Bassa Selim**, de *O Rapto do Serralho*. Recentemente, o Museu de Viena organizou uma exposição de sucesso a ele dedicada, intitulada *Soliman, um africano em Viena*.

Em algum ponto do passado, a mesma Áustria que nos deu **Haydn** e **Mozart**, nos deu também **Ângelo Soliman**.

The Magic Flute Mozart 1791 playbill for the first performance of the opera at the Theatre Auf Der Wieden Vienna

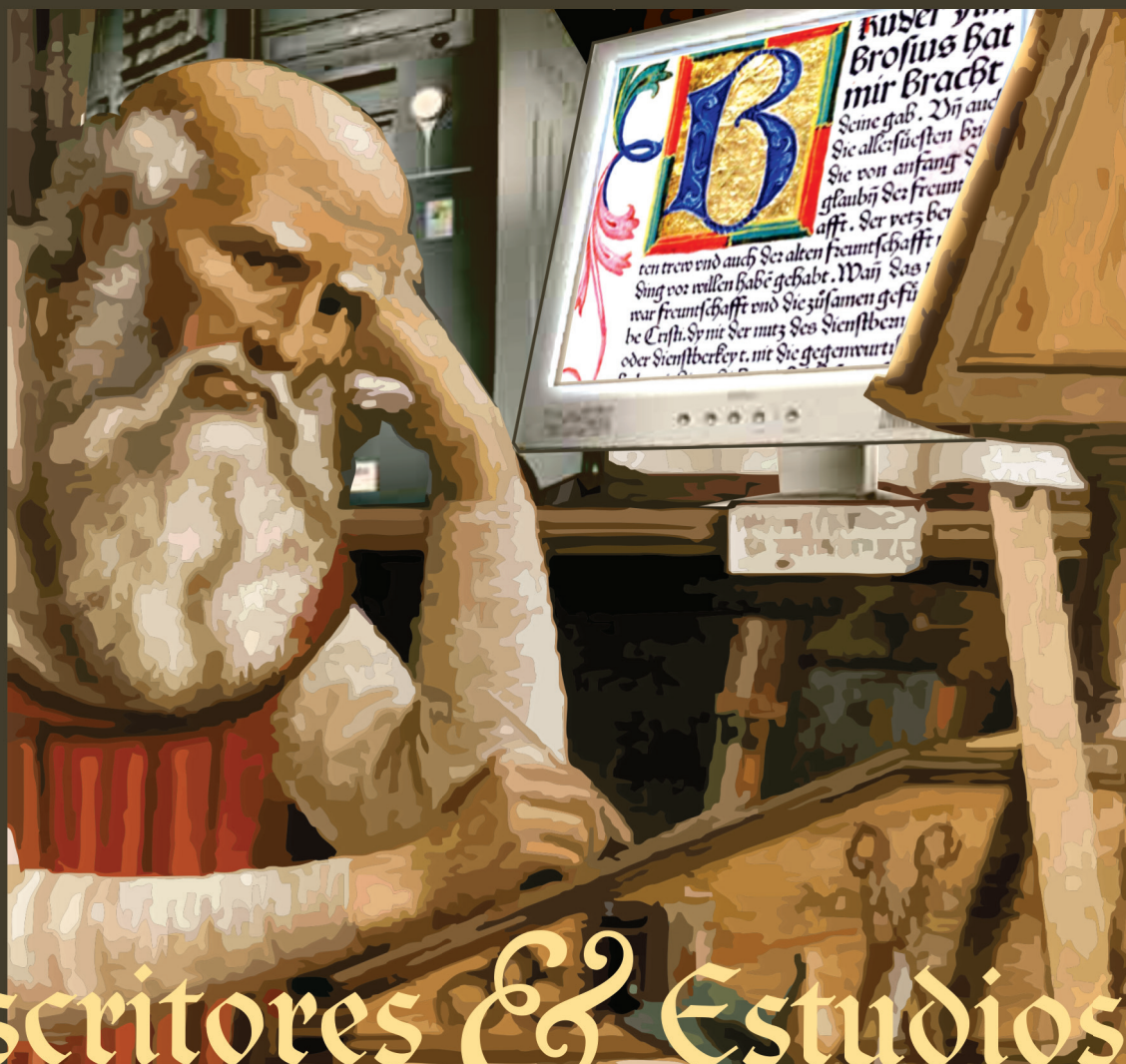


Muito justo que Mozart se inspirasse em Ângelo Soliman, o primeiro Maçom Negro, para criar Monotastos, um dos personagens de A Flauta Mágica, a ópera maçônica par excellence, aqui em figurino do artista Oliver Messel. Assim, pela sobrevivência de ambos, ópera e personagem, os princípios maçônicos mostrar-se-iam mais poderosos do que os preconceitos mesquinhos.



Poster para a primeira apresentação de *A Flauta Mágica*, de Mozart, em 1791





Escritores & Estudiosos

A Revista *Astréa* se propõe a ser o seu veículo em seus trabalhos sobre nosso Rito Escocês Antigo e Aceito. Por isto, a Grande Secretaria do Interior de nosso Supremo Conselho pede aos Irmãos que divulguem em seus Vales que as páginas da *Astréa* estão abertas a trabalhos de caráter filosófico e incentivem os Irmãos pesquisadores que submetam sua criação.

Continuamos a publicar os trabalhos selecionados de nossos Ill.: PPod.: Ilr.:, como determinara nosso S.: G.: Com.:
Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º,
para que nossa *Astréa* retomasse o sonho de seu criador, o S.: G.: Com.:
Mário Marinho de Carvalho Behring.

Supremo Conselho do Grau 33 do
R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil:
em amizade com todos
os Supremos Conselhos
regulares do mundo.



Rua Barão, 1317 - Praça Seca - Jacarepaguá
21321-624 - Rio de Janeiro - Brasil
Tels: (+55 21) 3369-8000
secretaria@sc33.org.br / <http://www.sc33.org.br>